



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
CAMPUS AVANÇADO DE PATU
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

JOYCE PRISCILA FERNANDES DA SILVA

**OS DISCURSOS RELACIONADOS AO SILENCIAMENTO DA PERSONAGEM
IRENE EM *ESTELA SEM DEUS*, DE JEFERSON TENÓRIO**

**PATU- RN
2025**

JOYCE PRISCILA FERNANDES DA SILVA

**OS DISCURSOS RELACIONADOS AO SILENCIAMENTO DA PERSONAGEM
IRENE EM *ESTELA SEM DEUS*, DE JEFERSON TENÓRIO**

Artigo apresentado à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte- UERN, Campus Avançado de Patu- CAP, Departamento de Letras Vernáculas, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa.

**Orientadora: Prof.^a Dr.^a Luciana
Fernandes Nery**

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

S586d Silva, Joyce Priscila Fernandes da
Os discursos relacionados ao silenciamento da personagem Irene em Estela sem Deus, de Jeferson Tenório. / Joyce Priscila Fernandes da Silva. - Patu-RN, 2025.
21p.

Orientador(a): Profa. Dra. Luciana Fernandes Nery.
Artigo Científico (Graduação em Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)).
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Discursos. 2. Relações de poder. 3. Crime de estupro. 4. Silenciamento. 5. Estela sem Deus. I. Nery, Luciana Fernandes. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

JOYCE PRISCILA FERNANDES DA SILVA

**OS DISCURSOS RELACIONADOS AO SILENCIAMENTO DA PERSONAGEM
IRENE EM *ESTELA SEM DEUS*, DE JEFERSON TENÓRIO**

Artigo apresentado à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte- UERN, Campus Avançado de Patu- CAP, Departamento de Letras Vernáculas, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa.

Aprovada em: 24 / 11 / 2025.

Banca Examinadora



Prof^a. Dr^a. Luciana Fernandes Nery (Orientadora)
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte- UERN



Prof^a. Dr^a. Aline Almeida Inhoti- Examinadora
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte- UERN



Prof^a. M^a. Brenda de Freitas- Examinadora
Universidade Federal Rural do Semi- árido- UFERSA

OS DISCURSOS RELACIONADOS AO SILENCIAMENTO DA PERSONAGEM IRENE EM *ESTELA SEM DEUS*, DE JEFERSON TENÓRIO

Joyce Priscila Fernandes da Silva¹
Luciana Fernandes Nery (Orientadora)²

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo investigar os discursos relacionados ao silenciamento da personagem Irene acerca do crime de estupro na obra literária *Estela sem Deus*, de Jeferson Tenório. Metodologicamente, utilizamos a abordagem qualitativa de cunho descritivo-interpretativista. Nossa pesquisa está fundamentada teoricamente nos Estudos Discursivos Foucaultianos (2010, 2010, 2014, 2022), para entender as relações entre o poder e os discursos. Para embasar as discussões sobre o crime de estupro, respaldamo-nos em Araújo (2020), Andrade (2018) e Bola (2020). Baseamos-nos também nos estudos de Corbin (2021), Braga e Piovezani (2025), Perrot (2019) e Rubin (2017) para compreender a condição da mulher na história e o silenciamento. A partir das análises dos enunciados selecionados, compreendemos que as relações de poder presentes nos conflitos da vida de Irene, diante do controle e da dominação do homem na representação do crime de estupro, estão relacionadas às problemáticas vividas pela personagem e que as estratégias discursivas e não discursivas contribuem para o silenciamento.

Palavras-chave: Discursos; Relações de poder; Crime de estupro; Silenciamento; Estela sem Deus.

ABSTRACT

This present article aims to investigate the discourses related to the silencing of the character Irene about the crime of rape in the literary work *Estela sem Deus*, by Jeferson Tenório. Methodologically, we use the qualitative approach of descriptive and interpretative nature. Our study is theoretically based on Foucaultian Discursive Studies (2010, 2014, 2022), to understand the relations between power and discourses. To support the discussions about the crime of rape, we draw on Araújo (2020), Andrade (2018), and Bola (2020). We also rely on studies by Corbin (2021), Braga and Piovezani (2025), Perrot (2019), and Rubin (2017) to understand the condition of women in history and her silencing. Based on the analysis of the selected utterances, we comprehend the presence of these relations of power in the conflicts experienced by the character Irene. Faced with this reality, the control and domination of men in the representation of the crime of rape are related to the

¹ Graduada de Letras- Língua Portuguesa da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte- UERN, Campus Avançado de Patu- CAP. E-mail: joycepriscila@alu.uern.br

² Doutora em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba- UFPB. Docente da Universidade Estadual do Rio Grande Do Norte- UERN, Campus Avançado de Patu- CAP. E-mail: lucianafernandes@uern.br

problematics lived by the character, and what the discursive and non-discursive strategies that contribute to the silencing of the literary figure.

Keywords: Discourses; Power Relations; Crime of Rape; Silencing; *Estela sem Deus*.

1 INTRODUÇÃO

Historicamente, a mulher vem sendo silenciada na sociedade através de discursos que invalidam as vozes femininas. Em vista disso, as vítimas de violência precisam enfrentar a dificuldade de ser desacreditada, pois os discursos reproduzidos em instituições religiosas, familiares, profissionais e pessoais operam como mecanismos de controle das ações, das condutas, das falas e do modo de pensar feminino. Nesse contexto, evidencia-se a perpetuação de uma cultura que ao favorecer o agressor e culpabilizar a vítima contribui diretamente para o silenciamento das mulheres.

Diante disso, percebemos que na obra literária *Estela sem Deus* (2022), de Jeferson Tenório há a presença de discursos que representam um contexto de violência contra a personagem principal, Irene. A obra é narrada pela personagem Estela, filha de Irene, que descreve o crime de estupro sofrido por sua mãe, uma mulher que precisa criar dois filhos sozinha, após a morte do seu cônjuge. A narrativa mostra o enfrentamento de dificuldades, o que causa a insegurança sobre como será a vida, pois Irene não tem onde morar com seus dois filhos e, por isso, precisa se submeter a viver em um lugar perigoso. Assim, a realidade vivida por esta personagem representa os aspectos históricos e sociais que demonstram o processo de vulnerabilidade da mulher.

Perante essa breve explanação, elencamos as seguintes questões de pesquisa: i) De quais forma as relações de poder na obra *Estela sem Deus* contribuem para os conflitos da vida da personagem Irene?; ii) Como o poder e o controle são exercidos na representação do crime de estupro sofrido pela personagem Irene na obra *Estela sem Deus*?; iii) Quais as estratégias discursivas e não discursivas que cooperam para o silenciamento da personagem Irene em *Estela sem Deus*?

Considerando a problemática relacionada ao silenciamento da personagem central da obra *Estela sem Deus*, de Jeferson Tenório, este trabalho tem como objetivo geral investigar os discursos relacionados ao silenciamento da personagem Irene acerca do crime de estupro. Para este propósito, tem-se como objetivos específicos: i) compreender como as relações de poder na obra *Estela sem Deus*, contribuem para os conflitos na vida da personagem Irene; ii) examinar o exercício do poder e do controle masculino na representação do crime de estupro sofrido pela personagem Irene na obra *Estela sem Deus*; iii) analisar as estratégias discursivas e não discursivas que cooperam para o silenciamento da personagem Irene na obra *Estela sem Deus*.

Essa pesquisa apresenta uma problemática que ocorre com frequência na sociedade e destaca a importância de discutir sobre o crime de estupro e as consequências na vida da vítima. Desse modo, o olhar crítico para a problemática apresentada é uma forma de questionar alguns aspectos sociais em torno dos crimes sexuais, trazendo o olhar discursivo para a literatura. Além disso, enquanto mulher, pesquisadora e mãe de menina, busco contribuir para que crimes dessa

natureza sejam discutidos e para que a voz das mulheres vítimas de violência sexual sejam ouvidas.

Esta pesquisa utiliza a abordagem qualitativa de cunho descritivo-interpretativista da obra literária *Estela sem Deus*, de Jeferson Tenório. Como aporte teórico, nos ancoramos nos Estudos Discursivos Foucaultianos. Desse modo, nos valem do método arqueogenealógico, para compreender as relações de poder e as práticas discursivas relacionadas ao silenciamento em torno do crime de estupro. Nesse sentido, a pesquisa está fundamentada nos estudos teóricos de Foucault (2010, 2010, 2014, 2022) para entender as relações entre o poder e os discursos. Araújo (2020), Andrade (2018) e Bola (2020) embasam as discussões sobre o crime de estupro. Além disso, nos baseamos nos estudos de Corbin (2021), Braga e Piovezani (2025), Perrot (2019) e Rubin (2017) para compreender a condição da mulher na história e o silenciamento.

Este trabalho está dividido em quatro seções. Na primeira, apresentamos as considerações iniciais. A segunda, intitulada: “As relações de poder, o crime de estupro e a condição da mulher na história” aborda as relações de poder perante o crime de estupro, a condição da mulher na história e o silenciamento. Na terceira seção, intitulada “As relações de poder e o silenciamento da personagem Irene na obra *Estela sem Deus*” apresenta a análise do *corpus* da pesquisa, alinhado às teorias estudadas para fundamentar este trabalho. Em seguida, temos as considerações finais, para sintetizar e expor os resultados obtidos ao longo deste estudo.

Espera-se com este trabalho contribuir para pesquisas posteriores relacionadas a essa temática, de modo que seja possível expandir as análises dos discursos produzidos sobre mulheres vítimas de violência sexual. Além disso, buscamos reforçar a voz feminina, para que se torne possível discutir o crime de estupro com mais frequência na sociedade.

2 AS RELAÇÕES DE PODER, O CRIME DE ESTUPRO E A CONDIÇÃO DA MULHER NA HISTÓRIA

2.1 A noção de discurso para os Estudos Foucaultianos e as relações de poder

O teórico Michel Foucault contribuiu de maneira significativa para o campo dos Estudos Discursivos, principalmente através das obras *Arqueologia do Saber* (2022) e *A ordem do discurso* (2014), que apresentam pesquisas realizadas sobre a produção dos discursos e os procedimentos que operam para definir como serão produzidos. De acordo com Foucault (2014, p. 10) “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar.” Nesse viés, os discursos são mecanismos que legitimam práticas e sustentam determinadas verdades, operando como instrumento de controle. Nessa perspectiva, tem-se a formação das estratégias que buscam organizar os saberes, estabelecer as posições dos sujeitos dentro de um campo discursivo e observar as suas regularidades, tendo em vista que o discurso emerge de condições históricas. Foucault (2022) destaca que os discursos:

[...] dão lugar a certas organizações de conceitos, a certos reagrupamentos de objetos, a certos tipos de enunciação, que formam, segundo seu grau de coerência, de rigor e de estabilidade, temas ou teorias (...) chamaremos,

convencionalmente, de “estratégias esses temas e essas teorias (Foucault, 2022, p. 76).

Sob essa perspectiva, compreende-se que as estratégias discursivas emergem a partir de regularidades próprias de cada campo discursivo, que atribui seus conceitos específicos e delimita formas de enunciação. Com isso, pode-se exemplificar a análise dos silenciamentos que envolvem a mulher no crime de estupro, evidenciando elementos centrais como o silêncio, o poder e a violência. Diante disso, torna-se possível observar quais estratégias são mobilizadas para que esse discurso se constitua e se mantenha na dinâmica social.

Foucault (2022) diferencia as estratégias discursivas e não discursivas dentro de uma análise do saber e do poder. As estratégias discursivas referem-se à organização das regras e das práticas que validam o que pode ser dito nos contextos históricos e sociais, que determinam os limites do discurso. Por outro lado, as estratégias não discursivas referem-se aos elementos materiais e institucionais que sustentam os discursos, de modo que incluem instituições e relações de poder que se exercem nas práticas discursivas. Outrossim, Foucault (2022) afirma que:

As relações discursivas, como se vê, não são internas ao discurso: não ligam entre si os conceitos ou as palavras; (...) Elas estão, de alguma maneira, no limite do discurso: oferecem-lhe objetos de que ele pode falar, ou antes (...); determinam o feixe de relações que o discurso deve efetuar para poder falar de tais ou tais objetos, para poder abordá-los, nomeá-los, analisá-los, classificá-los, explicá-los etc. Essas relações caracterizam não a língua que o discurso utiliza, não as circunstâncias em que ele se desenvolve, mas o próprio discurso enquanto prática (Foucault, 2022, p. 56).

Dessa maneira, para compreender as práticas discursivas é necessário observar as relações que permeiam esse processo, tendo em vista que podem determinar como o discurso será apresentado. Sendo assim, é importante observar as práticas discursivas nos campos jurídico, religioso e social, a fim de perceber como acontecem essas relações discursivas. Nessa perspectiva, observa-se que o discurso emerge a partir de enunciados produzidos em determinadas estruturas sociais. Sobre o enunciado, Foucault (2022) destaca que:

O enunciado não é, pois, uma estrutura (...); é uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, e a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se eles “fazem sentido” ou não, segundo que regra se sucedem ou se justapõem, de que são signos, e que espécie de ato se encontra realizado por sua formulação (oral ou escrita) (Foucault, 2022, p. 105).

Assim sendo, reconhece-se que a produção do discurso está condicionada a escolhas estratégicas que definem quais elementos serão enfatizados ou silenciados. Tais estratégias, portanto, refletem interesses específicos das relações de poder que atravessam a sociedade. Desse modo, o silenciamento da voz feminina, por exemplo, configura-se como uma estratégia que favorece a manutenção das estruturas de poder dominante, contribuindo de forma recorrente para a perpetuação das desigualdades entre os gêneros.

Diante das produções dos discursos, compreende-se que o poder se constitui a partir das práticas sociais exercidas pelos sujeitos, uma vez que é disseminado por

toda a estrutura social. Em vista disso, as relações de poder podem atuar como forma de controle, de luta e de estratégia, haja vista que existem diversas possibilidades relacionadas ao seu exercício. Foucault (2010a) afirma que:

[...] O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só com uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir (Foucault, 2010a, p. 8).

Nesse viés, o referido autor destaca as formas como o poder é exercido de modo que não se reduz a defini-lo como uma estrutura de dominação, pois produz saberes e práticas discursivas, que permitem produzir comportamentos e organizar os discursos. Portanto, o poder não está concentrado em uma única instituição, como o Estado, mas por todas as camadas da sociedade. Assim, pode-se compreender que as relações de poder são constituídas historicamente e não operam de forma centralizada ou exclusivamente disciplinadora, mas se disseminam por meio de discursos, instituições e normas que naturalizam hierarquias e regulam os modos de existência. Assim, o poder se institui nas práticas cotidianas, por isso, evidencia um caráter estratégico. De acordo com Foucault (2010a), compreendemos que:

[...] existem relações de poder múltiplas que atravessam, caracterizam e constituem o corpo social e que essas relações de poder não podem se dissociar, se estabelecer nem funcionar sem uma produção, uma acumulação, uma circulação e um funcionamento do discurso (Foucault, 2010a, p. 179).

O referido autor rompe com a concepção do poder como uma força centralizada e exclusivamente repressiva e o compreende como uma rede múltipla de relações que atravessam e está dissolvido no meio social. Sendo assim, essas relações não podem ser dissociadas do discurso, pois é por meio dele que o poder se sustenta e opera nas diversas instâncias da sociedade. Em vista disso, analisar as relações de poder exercidas pelos sujeitos que contribuem para o silenciamento da mulher, vítima do crime de estupro, é uma forma de compreender como os discursos são organizados e reproduzidos na sociedade. Dessa maneira, torna-se possível identificar como se sustenta a exclusão da voz feminina em determinadas estruturas discursivas que operam na legitimação da violência sexual, ao prejudicar a vítima e favorecer o agressor.

2.2 O crime de Estupro: dominação masculina e desigualdade de gênero

O artigo 213 do Código Penal Brasileiro define o crime de estupro como o ato de “constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, a ter conjunção carnal ou a praticar ou permitir que com ele se pratique outro ato libidinoso”, e contempla a Lei nº 12.015/2009³, que unificou os crimes de estupro, substitui a antiga denominação que referia-se crime contra os costumes, a qual define pena de 6 a 10 anos de reclusão (CP, Brasil, 2009). Atualmente, ocorreu uma alteração na

³

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L12015.htm

legislação, resultando na criação da Lei nº 13.718/2018⁴ que tipifica os crimes de importunação sexual e de divulgação de cena de estupro, estabelecendo o aumento de pena, de 1 a 5 anos de reclusão, se o fato não incluir crime mais grave, incluindo o estupro coletivo e corretivo (CP, Brasil, 2018).

O crime de estupro envolve, na maioria dos casos, o domínio masculino e a relação que o estuprador tem com a vítima, tendo em vista que, comumente, este crime acontece no contexto familiar e doméstico, em cenários que não levantam suspeitas facilmente (Araújo, 2020, p. 16). Com isso, percebe-se que o poder do homem é sustentado por estruturas patriarcais, que demonstram a força física e moral, que se articula aos discursos que legitimam sua autoridade e desqualificam a experiência feminina. Diante disso, comungamos com a ideia de que:

[...] Uma sociedade patriarcal é aquela em que os homens assumem as posições primordiais de poder na esfera pública, dominando o governo e a política, a economia e os negócios, a educação, o emprego e a religião, e estendendo esse domínio para um nível privado e interpessoal, no lar, dentro dos relacionamentos, e até nas amizades. O patriarcado protege e prioriza os direitos dos homens acima dos direitos das mulheres (Bola, 2020, p. 17).

Nessa perspectiva, as relações envolvidas no crime de estupro revelam estruturas de dominação que perpassam gerações e se articulam à manutenção da desigualdade de gênero. Nesse sentido, o estupro, mais do que um ato de violência física, representa uma prática de controle simbólico que reafirma o poder masculino sobre o corpo feminino, operando como uma estratégia que domina e violenta as mulheres. Conforme Foucault (2010b), compreendemos que:

Uma relação age sobre um corpo, sobre as coisas; ela força, ela submete, ela quebra, ela destrói; ela fecha todas as possibilidades; não tem, portanto, junto a si, outro pólo senão aquele da passividade; e, se encontra uma resistência, a única escolha é tentar reduzi-la (Foucault, 2010b, p. 243).

A partir das considerações do autor, é possível perceber que em casos em que não se consegue resistir, existe uma relação de violência que ultrapassa o limite do exercício do poder, como acontece nos crimes de estupro em que as vítimas não conseguem se defender do crime que está sendo cometido contra ela. Por esta razão, compreender essa perspectiva, implica analisar os modos pelos quais se articulam aos discursos, revelando como determinadas verdades são construídas, legitimadas e naturalizadas em contextos históricos e institucionais específicos. Desse modo, Andrade (2018) aponta que:

[...] identificar a existência de estruturas de poder como socialmente construídas e, portanto, modificáveis, integra o pensamento feminista desde a sua segunda onda, durante o qual o movimento do anti-estupro se articulou. Em meio a um paradigma mais amplo de debates sobre a natureza x cultura no conhecimento, a ideia de que existe uma cultura do estupro é arquitetada para indicar que tal crime não é oriundo de uma suposta natureza humana - e por isso podemos pensar na possibilidade de viver em uma sociedade livre destas violações -, mas decorrente de uma socialização que naturaliza, incita e aceita a violência contra as mulheres (Andrade, 2018, p. 111).

Dessa maneira, percebe-se que a representação da mulher diante do estupro está profundamente atravessada por relações de poder e de violência que operam tanto de forma simbólica quanto material, ao sustentar práticas que contribuem para que este crime seja visto como algo natural. Diante disso, Andrade (2018) reafirma a força do feminismo, presente em ambientes sociais, políticos e culturais, tendo em vista que iniciou-se o movimento antiestupro, o qual surgiu a partir da segunda onda dos feminismos na década de 1970, com o intuito de romper o silêncio que permeia essa violência e trazer novos conceitos para reivindicar o direito das mulheres.

Diante dos contextos de domínio e poder masculino, inclui-se o silenciamento da mulher, que envolve mecanismos discursivos que invisibilizam e fragmentam a experiência feminina, ao reforçar estruturas patriarcais que posicionam a mulher como objeto e não como sujeito de direito. Ao analisar essas relações, torna-se possível compreender como o poder se reproduz por meio da linguagem, da cultura e das instituições, perpetuando as desigualdades históricas que sustentam a impunidade e a marginalização da mulher, vítima de estupro. Araújo (2020) afirma que:

Se até agora o comportamento do homem que assedia e abusa de uma mulher em nome da sua masculinidade é algo normalizado em nossa sociedade, que isso possa começar a mudar a partir da coragem das mulheres, que passam a não mais aceitar essa situação, denunciando, unindo-se e apontando os verdadeiros culpados, que nunca são elas ou suas crianças (Araújo, 2020, p. 18).

Trazer essas discussões são importantes para evitar a normalização sobre os crimes sexuais cometidos pelos homens, pois fornecer possibilidades para que a mulher fale sobre o crime de estupro é uma iniciativa que pode romper com o ciclo de violência e para que as vítimas criem coragem para realizar a denúncia. Vale ressaltar que apenas a voz da mulher não resolverá todos os problemas inseridos nesse contexto de violência, é necessário obter apoio e acolhimento da sociedade e do Estado, por isso conhecer as leis referentes a este crime é essencial para compreender as configurações desta violação do corpo da mulher.

As leis foram criadas para amparar as mulheres que sobrevivem aos crimes sexuais, mas na prática muitas vítimas são negligenciadas por autoridades competentes que deveriam protegê-las. Araújo (2020) ressalta que muitas mulheres sofrem muito após serem vítimas de estupro, haja vista que o sistema que deveria as proteger, as colocam em um lugar de exposição, julgamento, e, muitas vezes, de risco. Por essa razão, o silenciamento em relação ao crime sofrido torna-se evidente, devido às dificuldades enfrentadas durante e após a denúncia. A seguir, abordaremos os aspectos históricos e sociais que cooperam para o silêncio da voz feminina.

2.3 A condição feminina na história e o silenciamento

A história da mulher é contada de forma superficial, pois, por muitos anos, foi narrada por homens, que visualizavam a figura feminina como responsável pelos cuidados do lar e para ter filhos. Essa construção discursiva é representada, principalmente, na religião. Perrot (2019, p. 23) menciona que “Paulo (na primeira Epístola de Timóteo) prescreve o silêncio às mulheres: ‘a mulher aprenda em

silêncio, com toda a sujeição. Não permito que a mulher ensine nem use de autoridade sobre o marido, mas que permaneça em silêncio””. Nesse sentido, percebe-se que, ao longo da história, o discurso religioso é um dos que mais excluem mulheres e as pessoas minorizadas de um modo geral, pois, além de favorecer a dominação do homem sobre a mulher, busca controlar os seus comportamentos através de uma doutrinação reproduzida por sujeitos que detêm a função de ensinar o que diz a Bíblia Sagrada.

Nessa perspectiva, esses discursos são produzidos a partir de uma estrutura social que visa manter o controle e o domínio do poder. Com isso, a figura feminina está cada vez mais exposta aos discursos que colaboram para definir os comportamentos, as vivências e as suas escolhas. Pode-se dizer que esses discursos, na atualidade, são reproduzidos não somente em instituições religiosas, tendo em vista que a voz da mulher continua sendo silenciada em várias instâncias, como por exemplo, entre os familiares, os amigos, os colegas de trabalho, etc. Perrot (2019) destaca que:

Em compensação existe uma abundância, e mesmo em um excesso de discursos sobre as mulheres; avalanche de imagens, literárias ou plásticas, na maioria das vezes obra dos homens, mas ignora-se quase sempre o que as mulheres pensavam a respeito, como elas a viam ou sentiam (Perrot, 2019, p. 22).

Dessa maneira, compreende-se que apesar de existir obras que citavam as mulheres na história da sociedade, aspectos importantes não eram levados em consideração, como por exemplo, a maneira como elas se sentiam em relação ao que estavam vivendo, a forma como se enxergavam diante de suas vidas. Assim, percebe-se que diante da condição feminina na história, houve um apagamento de sua voz, mas a partir dos movimentos feministas essa voz começa a ser ouvida. Entretanto, as mulheres ainda continuam silenciadas, deslegitimadas em diversos contextos, por isso, Perrot (2019) retoma esses aspectos para enfatizar as histórias das mulheres, a partir dos campos histórico, discursivo e social.

Nesse contexto, Corbin (2021, p. 127) afirma que “o silêncio, frequentemente, é discurso (...), mas é um discurso concorrente do proferido oralmente”. Dessa maneira, os discursos orais e de silêncio são apresentados de maneiras distintas, sendo o primeiro reconhecido com mais facilidade, e o segundo pode ser visto como uma ação comum, que pode passar despercebida, mas que carrega significados. Em certos momentos, o silêncio pode ser uma resposta ao exercício do poder.

Nessa perspectiva, existe uma expectativa sobre os comportamentos que devem ser seguidos pelas mulheres nos contextos sociais, tendo em vista que “a própria ideia de uma ‘natureza feminina’ contribuía para justificar o silenciamento das mulheres, pois elas estariam naturalmente condenadas ao descontrole emocional e à submissão, razão pela qual lhes cabia a descrição e o silêncio.” (Braga e Piovezani, 2025, p. 197) Posto isso, entende-se que as vivências femininas deveriam seguir um padrão, pois os estereótipos criados sobre elas não permitiam que tivessem a liberdade de serem quem desejassem ser.

Diante disso, analisar os discursos relacionados ao silenciamento da personagem Irene, personagem da obra “*Estela sem Deus*” de Jeferson Tenório possibilita fazer novos questionamentos sobre a opressão e a subordinação sofridas pelas mulheres, tendo em vista que a maneira que se compreendeu a origem da opressão e da subordinação das mulheres, como sendo algo biológico, social ou

construído culturalmente, pode definir as expectativas sobre uma sociedade sexualmente igualitária. Rubin (2017) afirma que:

A literatura acerca das mulheres- tanto a feminista quanto a antifeminista- é uma longa reflexão sobre a questão da natureza e da gênese da opressão e da subordinação social das mulheres. Essa questão não é banal, visto que as respostas dadas a ela são decisivas para o modo como vemos o futuro, assim como para se aferir se a esperança de uma sociedade sexualmente igualitária é algo que consideramos realista ou não (Rubin, 2017, p. 9).

Nesse sentido, compreende-se que a opressão sexual e a construção da sexualidade estão presentes nos sistemas sociais que ressaltam o comportamento sexual ao longo dos tempos. Dessa maneira, tais construções afetam diretamente a vida das mulheres, pois esses mecanismos reforçam as desigualdades sociais, de modo que a mulher vive em constante estado de alerta, na tentativa de prevenir alguma situação de risco. Portanto, torna-se importante analisar a representação da mulher, vítima do crime de estupro, em uma obra literária, para possibilitar novas perspectivas em relação às violências sofridas e aos direitos que devem ser resguardados, aspecto que abordaremos na seção seguinte.

3 AS RELAÇÕES DE PODER E O SILENCIAMENTO DA PERSONAGEM IRENE NA OBRA *ESTELA SEM DEUS*

Esta seção refere-se às análises de enunciados apresentados na obra *Estela sem Deus*, relacionados ao silenciamento do crime de estupro da personagem Irene. Inicialmente, o primeiro tópico está direcionado a compreender as relações de poder presentes nos conflitos da vida da personagem Irene. Em seguida, o segundo tópico tem o intuito de examinar o controle e a dominação masculina na representação do crime de estupro. Por fim, o terceiro tópico tem a finalidade de analisar as estratégias discursivas e não discursivas que contribuem para o silêncio da personagem Irene. Diante disso, as categorias de análise elencadas a seguir permitiram investigar os discursos relacionados ao silenciamento acerca do crime de estupro.

3.1 As relações de poder e os conflitos na vida da personagem Irene

A obra *Estela sem Deus* está marcada por relações de poder vivenciadas pelas personagens, tendo em vista que a narrativa apresenta as práticas sociais que contribuem para os conflitos principais de Irene. Foucault (2010a) afirma que o poder é uma prática social construída historicamente, que circula em diferentes espaços e é exercido por diferentes sujeitos. Dessa forma, diante de uma personagem feminina, negra, mãe de duas crianças, que precisa lidar com a morte de seu cônjuge, é possível perceber o quanto a mulher se encontra à margem das relações de poder.

Nesse sentido, os acontecimentos da vida de Irene refletem uma estrutura patriarcal, reafirmada ao longo da história. Diante disso, as situações que corroboram para que a vida da personagem seja desestabilizada acontece com frequência, inicialmente pela morte de seu companheiro e em seguida, por ficar desabrigada da casa onde morava. Assim, percebe-se que a responsabilidade pela família não pertence mais ao esposo, mas a Irene e essa condição exige que faça

escolhas difíceis. Para compreender como acontecem essas relações, Tenório (2022) apresenta a fala da narradora Estela, filha de Irene, trazendo detalhes sobre a vida das personagens, como percebe-se no trecho a seguir:

Minha mãe recebeu uma ligação, depois sentou na sala em silêncio e o Augusto perguntou, o que foi mãe. E sem responder de imediato, **ela começou a chorar devagar, como se estivesse economizando a tristeza**. Foi então que percebemos que algo importante e grave estava por vir. Em determinado momento, minha mãe se virou para o Augusto e disse, sem muitos rodeios, que o pai dele tinha morrido. Meu irmão não disse nada. **Nenhum de nós disse nada**. E também não fazíamos muita ideia do que vinha pela frente (Tenório, 2022, p. 14, grifos nossos).

Em vista das relações de poder, o discurso do silêncio começa a se apresentar de maneira simbólica, como percebe-se neste trecho: *“Minha mãe recebeu uma ligação, depois sentou na sala em silêncio”*, demonstrando como a mãe precisa lidar com uma notícia de morte e dizer aos filhos. Em seguida, o enunciado em análise demonstra como as personagens lidam com suas emoções, como pode-se ver no excerto: *“Nenhum de nós disse nada”*, como se estivessem tentando entender a morte de Fernando, cônjuge de Irene. Foucault (2010a, p. 175) afirma que “o poder é o que reprime a natureza, os indivíduos, os instintos, uma classe”. Assim, silenciar-se diante de uma situação de luto é uma forma de opressão causada pelo poder que está sendo exercido ou pela falta dele.

Nesse contexto, as reações da personagem Irene demonstram como as relações de poder refletem no seu comportamento, pois na figura de mãe, se conteve para não demonstrar a dor de perder o pai de seus filhos, como mostra o enunciado: *“ela começou a chorar devagar, como se estivesse economizado a tristeza”*. Essa atitude representa a cobrança para que a mulher seja forte, principalmente para não demonstrar sofrimento aos filhos. De acordo com Foucault (2010), o poder nos obriga a dizer a verdade e, nesse caso, apesar do sofrimento, precisou-se contar o que realmente estava acontecendo.

Segundo Foucault (2010a, p. 176), “as relações de poder nas sociedades atuais têm essencialmente por base uma relação de força estabelecida, em um momento historicamente determinável, na guerra e pela guerra”. Por conseguinte, compreende-se que as estratégias utilizadas para se obter o poder são históricas, e por isso, passou por transformações ao longo do tempo, ocasionando as mudanças que refletiram em diversos campos sociais. Em vista disso, a forma como a personagem Irene é representada na obra demonstra como o poder é exercido, como pode se observar no seguinte fragmento:

Minha mãe era empregada doméstica, mas tinha parado de trabalhar havia algumas semanas por causa de uma doença nas mãos. Um dia, o médico olhou para as mãos dela e ficou preocupado. Falou que aquilo era causado pelos produtos que ela usava para limpar as casas. **Alertou que dali em diante ela deveria usar luvas, mas minha mãe não contou nada disso para os patrões, pois tinha certeza de que toda aquela história era algum tipo de capricho e não gastariam dinheiro com isso**. As mãos de minha mãe eram negras, mas estavam cobertas por um crosta de pele morta que as deixavam esbranquiçadas (Tenório, 2022, p. 15, grifos nossos).

Diante da representação da personagem Irene, pode-se identificar as

condições físicas e financeiras que se encontrava. No enunciado: *“Minha mãe era empregada doméstica, mas tinha parado de trabalhar havia algumas semanas por causa de uma doença nas mãos”*. Observa-se que a personagem exercia uma profissão, comumente desvalorizada, e além de perder o marido, estava sem trabalhar devido a doença causada pelos produtos de limpeza que utilizava no emprego. Para Foucault (2010a, p. 180) “somos julgados, condenados, classificados, obrigados a desempenhar tarefas e destinados a um certo modo de viver ou morrer em função dos discursos verdadeiros que trazem consigo efeitos específicos de poder”. Em vista disso, compreende-se que apesar do estado de saúde precisar de atenção, demonstra que Irene *“tinha certeza de que toda aquela história era algum tipo de capricho e não gastariam dinheiro com isso”*, e, assim, decide não contar para os patrões, pois acreditava que eles não poderiam atender a necessidade básica de utilizar luvas, por isso, deveria sujeitar-se a esse risco, pois se apresentasse quaisquer objeções, mesmo sendo um caso de saúde, agora, este corpo negro torna-se ainda mais dissidente.

Nessa perspectiva, a maneira como o poder é utilizado para exercer ações sobre os sujeitos reacende a situação de vulnerabilidade vivida pelas personagens, de modo que a necessidade de sobrevivência torna-se constante. Para Foucault (2010a, p. 14), “o problema não é mudar a ‘consciência’ das pessoas, ou o que elas têm na cabeça, mas o regime político, econômico, institucional de produção da verdade”. Nesse sentido, os conflitos da vida da personagem Irene surgem com frequência, pois após a morte de seu esposo, precisou lidar com alguns problemas, um deles foi a ordem de despejo recebida por um oficial de justiça, conforme é apresentado no enunciado a seguir:

Um mês depois um oficial de justiça bateu em nossa porta. [...] **Era um homem de camisa social, óculos grandes de aro preto.** Eu me lembro bem daquele rosto porque sei que **foi ali o início da nossa descida aos infernos.** O homem não entrou; apenas entregou uns papéis e pediu para a minha mãe assinar. [...] **Era uma ordem de despejo e dizia ali que teríamos quinze dias para desocupar aquele imóvel.** Fernando tinha deixado de pagar o aluguel e mentira para a nossa mãe, dizendo que pagava [...] (Tenório, 2022, p. 20, grifos nossos).

O contexto apresentado refere-se ao poder exercido por uma figura de autoridade devido à formalidade de suas vestimentas e também pela ação que pretendia realizar. Esse sujeito marcou a vida das personagens, por isso a narradora Estela, destaca no enunciado que lembrava bem dele porque *“foi ali o início da nossa descida aos infernos”*. Ou seja, a partir daquela visita houve mudanças na vida da família, que trouxeram consequências traumáticas.

O excerto a seguir apresenta o motivo da presença do oficial de justiça: *“Era uma ordem de despejo e dizia ali que teríamos quinze dias para desocupar aquele imóvel”*. O sujeito em questão estava em pleno exercício do poder em relação à vida das personagens, pois aparece apenas após a morte do marido de Irene, revelando que enquanto a figura masculina estava presente, não houve intercorrências, mas a partir do momento que a mulher ficou sozinha, o cenário mudou completamente. Ademais, após a ordem de despejo ser concretizada, as personagens enfrentam diversas dificuldades, dentre elas, estão a invasão da casa onde passam a morar e o crime de estupro sofrido por Irene. No tópico seguinte serão examinados os discursos produzidos na representação do crime de estupro, demonstrando as relações de poder e controle do homem para violentar a mulher.

3.2 O poder e o controle masculino no crime de estupro

Diante das relações de poder, o homem se destaca através de ações que visam o controle e o domínio sobre as mulheres, ao garantir autoridade e privilégios (Bola, 2020). Essa construção cultural contribui para que certas práticas sejam realizadas e vistas como algo natural, como por exemplo, assediar as mulheres e cometer outros tipos de violência sexual. Nessa perspectiva, Bola (2020) discute como o crime de estupro é tratado na sociedade, afirmando que é o único em que a vítima é questionada e julgada, ao invés do criminoso. Desse modo, se estabelece que o homem é um predador natural, que precisa se satisfazer apesar de ser contra a vontade da mulher. Portanto, o agressor acaba, na maioria das vezes, sendo isento da culpa.

Nesse contexto, percebe-se que existem justificativas para tentar compreender a razão do homem cometer o crime de estupro contra a mulher, um deles é afirmar que o estuprador detém algum problema de saúde mental. Entretanto, Andrade (2018) afirma que o estupro é cometido por uma pessoa considerada comum e normal dentro da sociedade e não por alguém que possui problemas mentais. Dessa maneira, essa afirmação desfaz certos paradigmas construídos em busca de inocentar o homem acusado de cometer uma violência sexual contra a mulher. Diante disso, observa-se no fragmento a seguir um crime cometido dentro do domicílio da vítima, uma mulher que está sozinha com seus dois filhos, sem a presença de alguém que pudesse a defender. A narradora Estela relata como aconteceu a invasão na residência de sua família, tendo em vista que haviam se mudado há pouco tempo e, por isso, não tinham noção sobre o risco de morar naquele lugar. Na sequência enunciativa a seguir observa-se como ocorreu a entrada dos criminosos na casa de Irene:

Quando bateram à porta, minha mãe esperou um pouco e perguntou, em voz alta, quem era. Não houve resposta. **Com agilidade, acendeu a luz da sala e pegou um cabo de vassoura, porque foi a primeira coisa que viu pela frente.** Em seguida, vieram mais três batidas, desta vez com mais força, e minha mãe voltou a perguntar quem era. **Foi então que ouvimos uma voz masculina, estranha e assustadora, dizendo para abrir.** Minha mãe respondeu que não iria abrir coisa nenhuma. Veio um tom mais agressivo falando que, se não abrisse, ele ia arrombar tudo e meter bala nela. (...) Minha mãe não abriu e por isso começaram a forçar a porta, até que conseguiram arrombá-la. Eram dois homens. Estavam encapuzados. Apenas um deles falava. Dizia coisas absurdas à minha mãe. Xingava-a das piores coisas. **Ela gritou pedindo socorro, e o homem deu um tapa nela e a mandou calar a boca** (Tenório, 2022, p. 36, grifos nossos).

O enunciado *“Com agilidade, acendeu a luz da sala e pegou o cabo de vassoura, porque foi a primeira coisa que viu pela frente”* demonstra o quanto a personagem Irene estava com medo e sentiu a necessidade de se defender de alguma forma, mesmo sem saber o que estaria para acontecer. Após as ameaças de bater na porta e manter o silêncio, Irene insiste em perguntar quem era. No excerto: *“Foi então que ouvimos uma voz masculina, estranha e assustadora, dizendo para abrir”*, é possível perceber o início de uma intimidação maior através do tom de voz e da ameaça, demonstrando nesse cenário de violência em que a força masculina prevalece sobre a mulher.

Nessa perspectiva, Araújo (2020) afirma que o estuprador sente prazer em dominar a vítima e agir com agressividade, de modo que a sexualidade e a violência estão interligadas para o criminoso, além de considerar a mulher como um objeto que pode fazer o que deseja. Por isso, a forma como Irene foi abordada demonstra o quanto os agressores queriam se mostrar fortes, tendo em vista que foi colocada em uma situação sem possibilidades para se defender. Por conseguinte, após os dois homens invadirem a casa, o excerto: *“Ela gritou pedindo socorro, e o homem deu um tapa nela e a mandou calar a boca”*, comprova o quanto os criminosos sentem prazer em dominar, ferir e se colocar na posição de poder em relação à vítima.

Nesse sentido, o poder utilizado para dominar a mulher pode paralisá-la, pois gera a sensação de incapacidade de sair daquela situação uma vez que a vítima pode tentar fingir que não está acontecendo aquela violência, em uma tentativa de se proteger para sobreviver daquele trauma (Araújo, 2020). Dessa forma, a maneira como se descreve o crime de estupro sofrido pela personagem Irene, demonstra o quanto ela tentou se defender e proteger seus filhos, mas as tentativas não foram bem sucedidas, pois estava em uma situação de vulnerabilidade e não tinha quem a protegesse, muito menos conseguiria lutar contra dois homens sozinha. Na sequência enunciativa seguinte verifica-se como aconteceu o crime:

[...] Um dos homens segurou minha mãe e a jogou no chão. Ao cair, ela bateu a cabeça na quina do balcão da pia. Mas eles não se importaram com isso. O outro homem ficou na porta olhando para fora e dizendo, anda logo porra, anda, acaba com isso.(...) **O homem subiu em cima da minha mãe enquanto um fiozinho de sangue saía da cabeça dela. Minha mãe chorava de dor porque rapidamente o homem já estava dentro dela e imaginei que aquilo estava doendo.** Então eu fechei meus olhos e chamei por Deus (Tenório, 2022, p. 36, grifos nossos).

A brutalidade está evidente na violência que Irene sofreu, como pode-se perceber no seguinte enunciado: *“Um dos homens segurou minha mãe e a jogou no chão. Ao cair, ela bateu a cabeça na quina do balcão da pia. Mas eles não se importaram com isso.”*. A agressividade que o homem utilizou contra Irene está relacionada à necessidade que o estuprador possui de demonstrar poder contra a vítima. A partir do sexo, consegue satisfazer seu prazer e dominar a vítima e, com isso, reafirmar sua sexualidade (Araújo, 2020). Em seguida, a narradora Estela relata que *“O homem subiu em cima da minha mãe enquanto um fiozinho de sangue saía da cabeça dela. Minha mãe chorava de dor porque rapidamente o homem já estava dentro dela e imaginei que aquilo estava doendo”*. Diante do que se passa, o criminoso não demonstra nenhum tipo de sensibilidade em relação à Irene, como se ela fosse apenas um objeto que escolheu para se satisfazer sexualmente. Isso demonstra o quanto a mulher está à margem das violências, pois até mesmo dentro de sua própria casa, Irene foi violentada, no lugar onde deveria se sentir protegida.

Em vista da violência sofrida, faz-se necessário analisar as estratégias discursivas e não discursivas que contribuem para o silenciamento da personagem Irene, tendo em vista que o trauma deixou vestígios para toda a vida, aspecto abordado no próximo tópico.

3.3 As estratégias discursivas e não discursivas para o silenciamento da personagem Irene

Mediante o contexto de violência sexual, a personagem Irene carrega consigo

as marcas do crime que sofreu dentro de sua casa. De acordo com Braga e Piovezani (2025, p. 249), “mulheres negras ou indígenas, pobres, moradoras de favelas ou periferias e com baixa escolaridade, lésbicas e trans sofrem maiores e mais frequentes violências físicas e simbólicas”. Nesse sentido, Irene se encaixa nessas circunstâncias, pois é uma mulher negra, pobre e morava em uma periferia, ou seja, estava à margem da sociedade, correndo o risco de ser violentada, pois estava em um lugar que não lhe oferecia a segurança necessária, por falta de ação do poder público, que deixa a população das comunidades desassistida.

Sob esse olhar, Rubin (2017, p. 64) afirma que “o domínio da sexualidade também tem uma política interna, desigualdades e modos de opressões próprios”. Diante disso, a sexualidade masculina é reafirmada através da violência sexual contra a mulher, pois o homem sabe que exerce poder através do domínio e da violência. Nesse sentido, a forma como a personagem Irene foi abordada dentro de sua casa revela o quanto as ameaças, a agressividade e a vontade de dominação do homem estão presentes no crime de estupro, reforçando as desigualdades sociais e as opressões sofridas pela mulher.

Diante desse cenário, as estratégias discursivas e não discursivas estão em evidência nos discursos relacionados ao silenciamento da personagem Irene, contribuindo para que o crime não seja denunciado. Sendo assim, as escolhas estratégicas podem estar interligadas com as práticas discursivas e não discursivas que referem-se ao regime e aos processos de apropriação do discurso. Desse modo, para compreender essas estratégias serão analisados enunciados que demonstram como acontece o silenciamento da voz feminina. Vejamos a sequência enunciativa a seguir:

Instantes depois, minha mãe correu para fechar a porta, foi até a gaveta e pegou uma faca. Ela não teve coragem de nos pedir para ir para a cama. **Minha mãe ficou quieta, não conseguia falar depois de tudo. Todos nós ficamos calados. Qualquer palavra poderia nos doer.** O Augusto ficou ao lado dela, mas nem ousou pedir algum tipo de carinho ou atenção (Tenório, 2022, p. 37, grifos nossos).

Após sofrer o crime de estupro, Irene demonstra o quanto ficou traumatizada, conforme percebe-se no seguinte enunciado: “*Instantes depois, minha mãe correu para fechar a porta, foi até a gaveta e pegou uma faca*”. Em estado de choque, a personagem fica em alerta, como se esperasse que aqueles criminosos fossem voltar, representando o quanto a vítima sente medo de sofrer a violência novamente. Em seguida, Estela continua narrando os comportamentos de sua mãe (“*Minha mãe ficou quieta, não conseguia falar depois de tudo. Todos nós ficamos calados. Qualquer palavra poderia nos doer*”). Diante de um cenário violento, as personagens não conseguem falar sobre o que aconteceu, tendo em vista que se trata de uma mãe com duas crianças em casa, tentando entender o que havia acontecido, uma ação brutal dentro de seu próprio lar. O medo que as personagens sentem demonstra o quanto as estratégias não discursivas, de violência, ameaça e agressividade utilizada pelos agressores contribuíram para que as vítimas se mantivessem em silêncio.

Nessa perspectiva, a obra *Estela sem Deus* apresenta a maneira como a personagem lida com o silêncio, os filhos, os sentimentos e a força de vontade de seguir em frente após o estupro, tendo em vista que sendo uma mulher preta, pobre, pobre, periférica, mãe solo, com todos os requisitos possíveis para que permaneça à

margem da sociedade e das políticas de enfrentamento à violência. Em seguida, depois dos momentos que Irene se mantém calada, sem falar sobre o que aconteceu com as crianças, ela começa a arrumar suas coisas para sair da casa que morava. Sendo assim, a narradora Estela conta que sua mãe continuava sentada no chão com a faca na mão, mas que logo começa a organizar os pertences para se mudar. Vejamos a sequência enunciativa a seguir:

[...] Quando acordei, minha mãe continuava sentada no chão, em silêncio, com as costas voltadas para a porta, ainda segurando a faca. Tinha o olhar perdido na direção do chão e o rosto sujo de sangue. Eu e o Augusto estávamos com medo de que ela nunca mais voltasse a si. Mas depois de uma hora ela se levantou e começou a recolher nossas roupas, toalhas e calçados. Nós nem nos atrevemos a perguntar por que ela estava fazendo aquilo e começamos por conta própria a fazer o mesmo. Pegamos sacolas e as poucas caixas de papelão que tínhamos e colocamos tudo o que pudemos nelas (Tenório, 2022, p. 38, grifos nossos).

O enunciado *“Quando acordei, minha mãe continuava sentada no chão, em silêncio, com as costas voltadas para a porta, ainda segurando a faca. Tinha o olhar perdido na direção do chão e o rosto sujo de sangue”* revela o quanto ser violentada sexualmente afeta o psicológico da vítima, de modo que a deixa sem reação, como se estivesse tentando entender o que aconteceu, tendo em vista que ao ser estuprada, é como se ocorresse o processo de desapropriação de si. Esse ato acontece por meio da imposição, do uso da força e da violação. Ou seja, nesse contexto violento, a sua voz, as suas vontades, seus desejos e suas forças são arrancados sem consentimento. O ato de ficar em silêncio, demonstra o quanto as estratégias não discursivas fazem parte desse processo de pós-trauma, pois a personagem demonstra que precisa de ajuda, principalmente psicológica, mas naquele momento não tinha ninguém e não conseguia tentar buscar alguém que a amparasse. Portanto, a violência sofrida por Irene representa a forma como o corpo da mulher é visto historicamente. De acordo com Perrot (2019, p. 76) “o corpo das mulheres é também, no curso da história, um corpo dominado, subjugado, muitas vezes roubado, em sua própria sexualidade”. Sob esse viés, compreende-se que o corpo da mulher é tratado como se pertencesse ao homem, que se sente no direito de invadi-lo e violentá-lo.

O enunciado *“Mas depois de uma hora ela se levantou e começou a recolher nossas roupas, toalhas e calçados. Nós nem nos atrevemos a perguntar por que ela estava fazendo aquilo e começamos por conta própria a fazer o mesmo”* demonstra como a personagem reage após levantar-se do chão, em um momento de silêncio e de reflexão. Dessa maneira, a atitude de organizar os pertences para sair da casa, revela o quanto o lugar onde ela morava lembrava tudo o que aconteceu, de modo que não conseguiria mais viver lá. A atitude de Irene ao sair do espaço em que foi violentada revela como “o corpo das mulheres está em perigo” (Perrot, 2019, p. 65), pois diante de uma sociedade que não respeita o outro, principalmente se for do gênero feminino, espera-se apenas que seja possível se proteger de alguma forma. Naquele ambiente, Irene não poderia mais se sentir em segurança com seus filhos.

De acordo com Perrot (2019, p. 17) “em muitas sociedades, a invisibilidade e o silêncio das mulheres fazem parte da ordem das coisas. É uma garantia de uma cidade tranquila”. Diante disso, manter a mulher silenciada, independente da situação, garante que os interesses de preservar uma ordem social seja possível, pois sem o direito de falar, torna-se invisibilizada. Sendo assim, percebe-se que

Irene permanece sem falar o que aconteceu e isso colabora para que os culpados não sejam encontrados. O silêncio sobre o crime mantém a ordem no lugar onde morava. Vejamos a sequência enunciativa seguir:

[...] Na metade da manhã, minha mãe abriu a porta e fomos colocando tudo para o lado de fora. Alguns vizinhos passavam e nos olhavam. Vimos quando seu Elisier se aproximou e foi perguntando o que havia acontecido. Minha mãe conteve todo o asco que ela carregava de ter que explicar o ocorrido. **Sem contar pormenores, ela disse apenas que a casa tinha sido invadida e que nós estávamos indo embora daquele lugar. Seu Elisier tentou argumentar e pediu mais detalhes, mas minha mãe se recusava; queria sair dali o mais depressa possível.** Ela falou que não tinha o dinheiro do aluguel, mas que voltaria em breve para acertar as contas (Tenório, 2022, p. 38-39, grifos nossos).

Diante da mudança repentina de Irene, alguns questionamentos foram feitos pelo dono da casa, pois havia se mudado há pouco tempo e já estava indo embora. Neste momento, pode-se perceber as estratégias discursivas utilizadas pelo dono da casa para saber o que tinha acontecido. Entretanto, ao ser questionada, a personagem se mantém em silêncio. Esse comportamento de Irene é uma resposta ao trauma vivido, pois falar para o dono da residência que sofreu uma violência tão brutal, era como se deixasse claro que de certa forma ele também tinha culpa, ou poderia julgá-la e culpabilizá-la pelo que aconteceu. Sendo assim, o fato de Irene não falar sobre a violência que sofreu é uma forma de demonstrar o quanto estava afetada e não gostaria de reviver tudo novamente, pois teria que relembrar para contar ao dono da casa.

Nesse sentido, verifica-se que o enunciado: *“Sem contar pormenores, ela disse apenas que a casa tinha sido invadida e que nós estávamos indo embora daquele lugar. Seu Elisier tentou argumentar e pediu mais detalhes, mas minha mãe se recusava; queria sair dali o mais depressa possível”* revela o constrangimento da personagem Irene, pois a insistência do proprietário representa o quanto as relações de poder são exercidas nas práticas do cotidiano, tendo em vista que quando precisou de proteção não a obteve, mas está sendo cobrada por satisfações de algo que poderia ter sido evitado, mediante medidas cautelares feitas pelo dono da casa.

Dessa maneira, levando em consideração os aspectos principais da obra, pode-se dizer que a personagem Irene é um sujeito à margem da sociedade, pois suas vivências revelam o quanto a mulher é violentada pelo sistema, e principalmente por homens que se sentem no direito de invadir seu espaço e seu corpo. Sendo assim, a narradora Estela permanece descrevendo como lidam com a invasão da casa e com a violência sexual, conforme se observa na sequência enunciativa a seguir:

Nós não fizemos nenhum pacto de silêncio sobre o que tinha ocorrido com a gente naquela casa em Viamão, mas o fato é que não dissemos nada a ninguém. É como se quiséssemos esquecer aquela noite enterrando tudo dentro de nós, o mais fundo que pudéssemos. Nem para Conceição que era uma grande amiga, minha mãe contou; dissemos apenas que fomos assaltados e que levaram nosso dinheiro e nossa comida. **Acho que aquilo de escondermos a violência dentro de nós era porque sentíamos vergonha** (Tenório, 2022, p. 40-41, grifos nossos).

O enunciado *“Nós não fizemos nenhum pacto de silêncio sobre o que tinha*

ocorrido com a gente naquela casa em Viamão, mas o fato é que não dissemos nada a ninguém. É como se quiséssemos esquecer aquela noite enterrando tudo dentro de nós, o mais fundo que pudéssemos” expõe o quanto as personagens desejavam esquecer o crime ou até mesmo viver como se nada daquilo tivesse acontecido. Porém, essa escolha contribui para que os criminosos não sejam encontrados e para que a vítima não receba a ajuda que precisa. Além disso, “o silenciamento da fala feminina subalternizada pode vir de seu menosprezo e de sua deslegitimação, bem como o boicote de sua repercussão” (Braga e Piovezani, 2025, p. 313). Manter-se em silêncio pode estar relacionado à condição de vida da personagem, além do lugar que se encontra enquanto sujeito, à margem da sociedade, pois se trata de uma mulher negra e sem poder aquisitivo. Por essas questões, sua voz poderia ser ignorada mediante uma denúncia do crime de estupro.

Diante do enunciado: “*acho que aquilo de escondermos a violência dentro de nós era porque sentíamos vergonha*” percebe-se o quanto o crime de estupro é naturalizado, de modo que a vítima é quem acaba sentindo culpa e vergonha. Segundo Araújo (2020, p. 248), “o estupro é o único crime em que a vítima é que sente vergonha”. Portanto, o ato de calar-se de Irene representa como a sociedade utiliza de estratégias discursivas e não discursivas para conseguir silenciar as mulheres, de modo que esse sentimento por ter sido violentada, sem a menor chance de se defender, percorre por toda a vida da vítima, contribuindo diretamente para que não viva da mesma maneira que vivia, antes de ser violentada. Nesse sentido, compreende-se que a maneira que Irene e seus filhos conseguiram lidar com a violência sexual foi mantendo o silêncio sobre aquela noite repleta de agressividade, ameaça e medo, como uma forma de esquecer o que aconteceu. Dessa maneira, a obra de Tenório (2022) reforça, em cada capítulo, a força de uma mulher que vive diversos conflitos, desde o falecimento de seu cônjuge e a ordem de despejo até o crime de estupro e o silenciamento. Por isso, a obra *Estela sem Deus* não é apenas uma obra de ficção, uma vez que o crime abordado representa diversas camadas sociais que são ignoradas no cotidiano dos sujeitos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O silenciamento da personagem Irene está representado em diversos momentos na obra *Estela sem Deus*, de Jeferson Tenório, tendo em vista que os conflitos vividos pelas personagens demonstram o quanto a mulher sofre violências físicas e simbólicas em diversos contextos de sua vida. Desse modo, reafirmamos que não se trata apenas de um caso que ocorre na ficção. Portanto, a narrativa apresenta um tom de denúncia, haja vista que o crime de estupro faz parte do cotidiano de muitas mulheres, que assim como Irene não tem assistência suficiente para denunciar.

Ao investigar os discursos relacionados ao silenciamento da personagem Irene, percebemos que a violência sexual gera consequências irreversíveis para a vida da mulher. Desse modo, o silêncio torna-se uma medida de segurança da vítima, pois não se sente acolhida para pedir ajuda, tendo em vista que o lugar que a personagem se encontrava e a forma como foi abordada pelo dono da casa refletem nos julgamentos que a mulher sofre ao ser violentada. Além disso, é recorrente, na narrativa, que as personagens querem esquecer a violência que sofreram, em uma tentativa de seguir em frente com suas vidas. Porém, essa atitude favorece ainda

mais o estuprador, contribuindo para que não seja punido.

Dessa maneira, compreendemos que as relações de poder estão diretamente ligadas às violências sofridas pela personagem Irene, tendo em vista que os conflitos vividos revelam o quanto, algumas camadas da sociedade não se preocupam em acolher mulheres que estão à margem. Nesse sentido, percebemos que o crime de estupro vai além de uma relação de poder, mas também de violência, pois a vítima não consegue resistir contra a força do agressor. Sendo assim, a mulher torna-se dominada por um sujeito que exerce uma relação de força e de violência, deixando-a com traumas físicos e psicológicos.

Nessa perspectiva, ao examinarmos o poder e o controle masculino na prática do estupro contra Irene, percebe-se o quanto a figura masculina valida sua sexualidade através da violência sexual. Ao levar em consideração a força e a brutalidade utilizada pelo estuprador, constata-se que Irene não possuía a menor chance de se defender. Por isso, pode-se afirmar que o homem aproveita da fragilidade e da insegurança feminina para violentá-la e, na maioria das vezes, não responde pelo crime que cometeu.

Ao analisarmos as estratégias discursivas e não discursivas que cooperam para o silenciamento da personagem Irene, observa-se a maneira como consegue lidar com o trauma vivido. Diante disso, as atitudes tomadas pela personagem revelam o quanto ser vítima de estupro pode trazer consequências para a vida da mulher, como por exemplo a presença do medo e do silêncio em seus comportamentos. Além disso, Irene tenta esconder o que aconteceu, evitando falar sobre o assunto com seus filhos, por sentir vergonha diante do crime que sofreu. Nesse sentido, a personagem Irene carrega consigo as consequências da violência sexual, tendo em vista que apesar de precisar de ajuda, mantém-se em silêncio. Portanto, ao analisar os discursos relacionados ao crime de estupro de uma personagem numa obra literária, torna-se possível constatar que se trata de um problema social que ocorre com frequência no meio social. Desse modo, os aspectos discutidos na obra possibilitam refletir sobre uma realidade violenta que, muitas vezes, é ignorada.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mailô de Menezes Vieira. **“Ela não mereceu ser estuprada”**: a cultura do estupro nos casos penais. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2018.

ARAÚJO, Ana Paula. **Abuso**: a cultura do estupro no Brasil. 1. ed. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2020.

BOLA, JJ. **Seja homem**: a masculinidade desmascarada. Tradução: Rafael Spuldar. Porto Alegre: Dublinense, 2020.

BRAGA, Amanda; PIOVEZANI, Carlos. **A fala feminina**: silenciamentos e resistências. 1. ed. São Paulo: Editora Jandaíra, 2025.

BRASIL. Decreto-Lei nº 12.015, de 7 de agosto de 2009. **Código Penal**. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, DF, 2009.

BRASIL. Decreto-Lei nº 13.718, de 24 de setembro de 2018. **Código Penal**. Diário

Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, DF, 2018.

CORBIN, Alain. **História do silêncio**: do Renascimento aos nossos dias. Tradução: Clinio de Oliveira Amaral. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber** (1926-1984). Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2022.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso** (1926-1984). Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder** (1979). Organização e Tradução: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2010a.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert L. **Michel Foucault, uma trajetória do estruturalismo e da hermenêutica**. Trad. Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010b, p. 231-249.

PERROT, Michele. **Minha história das mulheres**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019.

RUBIN, Gayle. **Políticas do sexo**. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

TENÓRIO, Jeferson. **Estela sem Deus**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.